

## **DUAS GERAÇÕES, OLHARES DISTINTOS SOBRE O VERBO?**

Márcia A. G. Molina (UFMA)  
[marcia.molina@ufma.br](mailto:marcia.molina@ufma.br)

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo avaliar a classe de verbo em duas importantes gramáticas brasileiras: uma produzida no século XIX, a de Solano Constâncio; e outra, no século XX, a de Sousa da Silveira, para observar como esses estudiosos apresentam a classe de verbo. Sabe-se que se trata de obras produzidas em épocas distintas em nossa história gramatical e, portanto, a hipótese foi a de que apresentem olhar distinto, não confirmada ao longo do texto. As gramáticas<sup>51</sup> foram analisadas, utilizando-se o método descritivo-analítico, seguindo as orientações de análise de conteúdo, Bardin (1977), amparado pelo arcabouço teórico da História das Ideias Linguísticas: Auroux (1992), Orlandi (2001) e Fávero e Molina (2006, 2019).

### **Palavras-chave:**

Verbo. Solano Constâncio. Sousa da Silveira

### **ABSTRACT**

This work aims to evaluate the verb class in two important Brazilian grammars: one produced in the 19<sup>th</sup> century, by Solano Constâncio; and another, in the 20<sup>th</sup>, by Sousa da Silveira, to observe how these professors taught about this class of verbs. It is known that these are works produced at different times in our grammatical history and, therefore, the hypothesis was that they are with a different look in each book, not confirmed throughout the text. The grammars were analyzed using the descriptive-analytical method, following the guidelines of content analysis, Bardin (1977), supported by the theoretical framework of the History of Linguistic Ideas: Auroux (1992), Orlandi (2001) and Fávero and Molina (2006; 2019).

### **Keywords:**

Verb. Solano Constâncio. Sousa da Silveira.

## **1. Introdução**

Começa-se pontuando que o verbo foi no século XIX, em muitas obras, ensinado tanto na parte da gramática que compreendia o que os estudiosos chamavam, ancorados em Aristóteles, de Categorias Gramaticais ou Taxionomia, quanto na Sintaxe, mais pontualmente, no estudo da sintaxe das palavras. Lembre-se de que eram dez as categorias discutidas por Aristóteles: substância (o homem), qualidade (qual é a sua figura),

---

<sup>51</sup> A ortografia das obras foi atualizada para facilitar a leitura.

relação (parentesco), quantidade ou estatura (quantos pés mede), ação (se faz alguma coisa), paixão (se padece), lugar (onde se acha), tempo (quando nasceu), estado (se está em pé ou sentado), e habito (se está calçado ou armado) e sua relação com as palavras.

A respeito disso, Benveniste (1991), afirmaria:

Na medida em que as categorias de Aristóteles se reconhecem válidas para o pensamento, revelam-se como a transposição das categorias da língua. É o que se pode dizer que delimita e organiza o que se pode pensar. (BENVENISTE, 1991, p. 76)

Colombat *et al.* (2010), recordam que na Poética, esse filósofo afirmava a respeito da categoria do verbo: “Le verbe est une voix composéee signifiante, indiquant le temps, dont aucune partie n’est par ele-même signifiante, comme pour les noms” (p. 79). Anteriormente, Platão já tinha apontado que o substantivo (tema) e o verbo (rema) eram os elementos básicos para a formulação da enunciação.

Para Dionísio, o Trácio, considerado o fundador da gramática escolar grega, que distinguiu oito partes do discurso, o nome é uma parte da frase que designa um corpo ou uma ação com valor comum ou particular. Por essa definição, pode-se perceber que compreendia o estudioso que o nome abarcava o que hoje se chama de substantivo e verbo. Muito próxima foi a proposta de Donato, importante gramático latino, uma vez que esse informa que o nome é uma parte da frase com caso que designa um corpo ou uma coisa de fazer particular ou comum. Prisciano, no *Institutio denomine et pronomine et verbo*, apresenta um minucioso estudo do verbo, discutindo, entre outras coisas, as quatro conjugações, como se dão o tempo, o modo e a voz, afora as formas infinitivas e participais e paradigmas verbais. Quintiliano reduz as partes da oração em três: nome, verbo e conjunção.

Por meio desse brevíssimo panorama pode-se verificar a importância dada a essa classe na gramática antiga e é exatamente por isso que se propõe este trabalho, revisando o verbo em duas obras produzidas em épocas diferentes do e no contexto gramatical brasileira a: uma, a de Solano Constâncio, produzida quando ainda imperavam os ideias das chamadas gramáticas de inspiração filosófica; e a outra, a de Sousa da Silveira, produzida quando já os estudos histórico-comparativos estavam consolidados, modificando de forma contundente a maneira de se compreender esta classe de palavras.

As gramáticas foram analisadas utilizando-se o método descritivo-

-analítico, seguindo as orientações de análise de conteúdo, Bardin (1977), amparado pelo arcabouço teórico da História das Ideias Linguísticas: Auroux (1992), Orlandi (2001) e Fávero e Molina (2006; 2019).

## **2. Arcabouço Teórico: A História Das Ideias Linguísticas No Brasil**

Assim que delimitamos nosso objeto de pesquisa, buscamos um arcabouço teórico que sustentasse nossa análise.

Como nosso objeto de pesquisa nos fazia retroceder no tempo, julgamos que deveríamos inscrever nossas investigações na História e, devido à especificidade do material de análise, na *História das Ideias Linguísticas*, pois já nos ensina Foucault (1987):

A história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifram rastros deixados pelos homens onde se tentavam reconhecer em profundidade o que tinha sido, uma série de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto. (FOUCAULT, 1978, p. 8)

Além disso,

Os estudos de linguagem passam a se caracterizar como uma questão brasileira a partir do século XIX, quando se coloca a questão do Português do Brasil e não somente a questão do Português. Só a partir de então o estudo do Português passa a afetar a constituição das Ideias Linguísticas no Brasil. Antes a questão da linguagem era só um modo de apropriação do Brasil pela Europa. (ORLANDI, 1996, p.10)

Será essa vertente teórica, que iluminará nossas análises, e seus principais preceitos revisaremos a seguir.

Para Fávero e Molina (2004; 2006; 2019) uma ideia linguística é: “Todo saber construído em torno de uma língua, num dado momento, como produto quer de uma reflexão metalinguística, quer de uma ‘atividade metalinguística não explícita’ (Cf. AUROUX, 1989)”. Isto quer dizer que seu estudioso pode rastrear não somente as antigas gramáticas portuguesas, anteriores ou não à de Adolfo Coelho, como as escritas por brasileiros antes ou depois da de Júlio Ribeiro, ou até mesmo as instituições por onde tais instrumentos circulavam e as polêmicas que suscitavam. Como parte da história cultural, seu objetivo deverá ser identificar a maneira como, em diversos lugares e situações, aquele material foi pensado, compreendido e escrito, cabendo não apenas o papel de contar o passado, mas recuperá-lo, interpretá-lo, dialogando com o presente em que é dado a ler.

Nesse sentido, descrição e explicação devem caminhar lado a lado, intimamente ligadas, devendo haver por parte do pesquisador um empenho bastante significativo de não só reconstruir o passado, mas tentar entendê-lo, relacionando fatos, desatando fios, esticando-os e entrelaçando-os novamente, pois uma análise que considerasse tão somente a descrição de um documento, resultaria num mero inventário de dados, datas e nomes; ou seja, esse estudo tornar-se-ia uma simples cronologia.

Além disso, notamos hoje uma tendência de se separarem dois princípios não antagônicos de trabalhos historiográficos: um levando em consideração o **conteúdo**, e um segundo, o **contexto**. Apesar dessa dissociação, entendemos que ambos estão estreitamente relacionados, já que uma pesquisa verdadeiramente representativa deve analisar não só a instância do aparecimento de uma teoria, mas ainda as mensagens nela enredadas, isto é, as forças variadas a regular a vida, o comportamento e até o pensamento dos indivíduos que circulava naquela instância, naquela sociedade, porque os fatos (da história) são **fatos sobre as relações de indivíduos entre si em sociedade e sobre as forças sociais** que, a partir das ações individuais, produzem resultados. (CARR, 1996, p. 87, grifos nossos).

Para um trabalho relevante na e da História das Ideias Linguísticas é, então, necessária a reconstrução de um conteúdo mental, explicitado e vinculado com o contexto sócio-histórico em que está inserido, não podendo ser dissociado de tal, pois como diz Lajolo (1993, p. 23) Por vezes, o que dá significação a um conjunto de obras ou de autores é um recorte da vida social (...).

Assim, a linguagem passa a ser entendida como processo de metalinguagem e como concepção histórica, cabendo ao estudioso, portanto, a combinação de uma dupla competência: primeiramente, ser capaz de fazer um estudo linguístico e, a seguir, possuir condições para traçar uma pesquisa histórica múltipla, alicerçada em um vasto conhecimento enciclopédico, pois a função do historiador, informa-nos Carr (1996) não é amar o passado ou emancipar-se dele, mas dominá-lo e entendê-lo como a chave para a compreensão do presente.

Dessa feita, para um trabalho como este importa colocar-se a distância, no e para o momento de (re)criação científica daquele período, estudar campos diversos, buscando por uma reflexão acerca das implicações que outras ciências poderiam ter tido na constituição daquele

trabalho de metalinguagem, procedendo-se a um trabalho mais *teoria-orientado* do que *dado-orientado* (AUROUX, 1992).

Em linhas gerais, é como se os historiadores da ciência da linguagem analisassem um objeto específico, inscrito num contexto distante e o “reconstruísse”, pois língua e a cultura estão em constante estado de interação e em associação definida por um grande lapso de tempo (SAPIR, 1961, p. 60).

Clercq e Swiggers (1991) esclarecem que devemos somar o aspecto subjetivo a este estudo. Falar de seu sujeito implica falar mesmo do contexto sócio-histórico-cultural em que ele está incluído, de sua formação profissional, de sua metodologia, de suas convicções científicas, ideológicas e até de seu estilo. Como produto da história de sua sociedade, é sob essa duplicidade que devemos analisá-lo.

Nesse sentido, Foucault (1983) assevera que um autor, ou melhor, seu nome próprio, não é apenas um elemento do discurso, mas realiza certas regras nele, servindo essas para caracterizar até um certo modelo discursivo, inserindo-os – autor e texto – numa determinada sociedade, numa determinada cultura e, numa outra obra, completa: A linguagem enraíza-se não (só) do lado das coisas percebidas, mas (também) do lado do sujeito em sua atividade (FOUCAULT, 1990, p. 305).

Assim, podemos dizer que esse conhecimento é constituído por uma multiplicidade de fatores que, interpenetrados, resultarão num *produto final*, fazendo-se necessário analisar tanto o contexto, quanto o sujeito e a motivação do ato historiográfico.

Finalmente, trata-se da produção propriamente dita do ato historiográfico, responsável por conferir uma orientação particular ao trabalho, que pode ser, entre outras: conhecer o saber de uma determinada época, fazer a descrição de uma doutrina, difundir um modelo linguístico e até ilustrar o progresso de uma ideia.

Sapir (1961, p. 20) ilustra muito bem essa necessidade ao destacar que, para se entender um simples poema, não devemos apenas conhecer suas palavras em sua significação usual, devemos buscar a compreensão de toda a vida da comunidade em que foi engendrado, procurar depreender como ela (a comunidade) se representa nas palavras e como as palavras a sugerem.

### 3. Retrospectiva histórica: de Arnauld e Lancelot aos estudiosos brasileiros – breve olhar sobre o verbo

O verbo foi considerado por Dionísio, Donato e Prisciano, na Antiguidade Clássica, de forma muito similar, imputando-lhe (ao verbo), juntamente com o adjetivo, o papel de predicacão. Este quadro só seria mudado, muito tempo depois, na Gramática de Port-Royal, em que o verbo por excelência é o ser (verbo substantivo), cuja função era ligar o sujeito a seu atributo, mas aponte-se com Mattos e Silva (1994, p. 21) com essa obra é que “se distinguirão as categorias linguísticas que subjazem às categorias lógicas, separando as formas de organizaçãõ do pensamento das formas de organizaçãõ das línguas”.

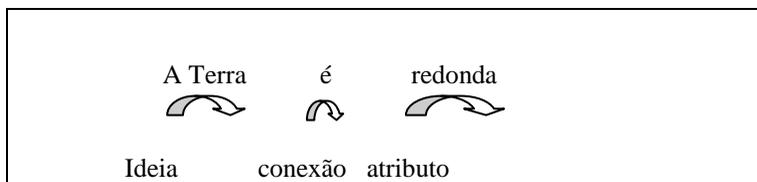
O verbo com Arnauld e Lancelot, na *Logique ou art de pènsar* e na *Grammaire de Port-Royal*, ambas do século XVII, foi uma das três classes por eles avaliadas. Escritas na abadia de Port-Royal, nas proximidades de Paris, pelo filósofo Antoine Arnauld (1612–1694) e pelo gramático Claude Lancelot (1615–1695), trata-se de buscar a união da pedagogia do ensino de línguas com noções de lógica, para que pudessem ser aplicadas a uma gramática geral.

Esses autores dedicaram especial atenção ao nome, ao verbo e à conjunção, mencionando que essas são responsáveis por três das operações mais importantes da lógica: conceber ideias, formular juízos e encadeá-los.

Portanto, a operação lógica tem a função de expressar um juízo sobre, e isso, naquele contexto, se dá na relação que hoje denominamos de sujeito x predicado (atributo).

Para Arnauld e Lancelot todo juízo seria composto por duas ideias e uma conexão:

Figura 1: Operação Lógica.



Até em orações como: “José estuda”, encontraríamos implícitos (de forma ‘invisível’): José é estudioso = Ideia + Cone + Juízo.

Por essa abordagem, percebe-se que para os autores o verbo SER é mesmo a palavra por excelência, cujo papel é fazer uma afirmação.

[...] ce que l'on appelle verbe qui n'est rien qu'un mot dont le principal usage est le signifier l'affirmation, c'est a-dire, de marquer que le discours ou ce mot est employé, est le discours d'un homme que ni conçoit pas seulement les choses, mais qui en juge et qui les affirme. (Grammaire, II, 13, p. 66)

Para esses racionalistas, o verbo (*être*) que faz uma afirmação é o verbo substantivo, raiz de todos os outros; e o que acrescenta à ideia é um verbo adjetivo = *vivre* = *être vivant*.

Quanto às pessoas, os autores consideram três, apontando, quase paralelamente ao que foi dito séculos depois por Benveniste (1966), um tipo de não pessoa.

Em relação aos modos, Arnauld e Lancelot consideram as afirmações como simples, condicionadas e modificadas, havendo ainda uma “expressão de vontade”.

Dando um salto, já no século XVIII, não um gramático, mas um filósofo, Frege, numa perspectiva que diverge da apresentada em Port-Royal, afirma que a estrutura da frase tem relação com seu valor semântico e, para tal, propõe o autor um “preenchimento de lacuna”, que vai muito além da proposta do “invisível” dos gramáticos do século XVII. Dessa forma, Frege entende que os termos singulares relacionam-se a objetos ou conjuntos de objetos e os predicados, com uma lacuna a ser preenchida de forma verdadeira ou falsa.

No Brasil, no início do século XIX, as obras ancoravam-se nessa tradição e autores como Moraes e Silva (Epítome da Gramática Portuguesa, 1806/1813) distingue o verbo adjetivo do substantivo e, acompanhado os autores da *Grammaire de Port-Royal*, afirma: “O verbo substantivo é assim chamado porque a ele se ajuntam todos os atributivos, e ainda nomes usados compreensivamente ou atributivamente, v.g. ser amado, ferido, amante (p. XIX).”. Sotero dos Reis, em sua *Gramática Portuguesa* (1866), também calcado na tradição greco-latina, assevera:

Verbo é a palavra que serve para afirmar a existência da qualidade da substância, pessoa ou coisa, e por conseguinte, o nexos ou cúpula, que une o atributo ao sujeito da proposição, frase, sentença ou enunciado de juízo” (SOTERO DOS REIS, 1866, p. 38)

Sublinhe-se que, como visto, na Antiguidade Clássica o nome e o verbo são os elementos do discurso.

Essa visão só começaria a mudar com Júlio Ribeiro. É neste período que dirigiremos nosso olhar, avaliando a *Gramática Analítica de Língua Portuguesa*, em especial, dada a delimitação do trabalho, à classe do verbo.

#### 4. O Verbo em Solano Constâncio

Francisco Solano Constâncio nasceu em Portugal, Lisboa, em julho de 1777. Formou-se em Medicina pela Universidade de Edimburgo. Exerceu a atividade de diplomata e jornalista, destacando-se com a publicação de diversos textos de liberais portugueses. Exatamente por isso e receando as consequências da sua simpatia pelo ideário da Revolução Francesa, emigrou do país, em 1808. Percorreu toda a Europa, fixando-se em Paris. Nessa cidade, publicou o *Observador Lusitano*, os *Annaes e Novos Annaes das Sciencias* e das Artes, em 1827. Morreu em 1846. Além disso, produziu dicionários e gramáticas em francês, além, claro, a que é objeto de nosso trabalho:

Obra/Autor	Definição	Conjugações
<i>Gramática Analítica da Língua Portuguesa</i> , Solano Constâncio (1855- Edição única)	É o termo com que exprimimos ação, ato ou estado, relativamente à pessoa ou pessoas ou coisas personalizadas, ao tempo e ao modo.	3: ar, er, ir.

Modo	Tempos	Curiosidades
5 Infinitivo	Pessoal – Particípio ativo ou supino – Particípio passivo – gerúndio.	Definição muito próxima das apresentadas nas gramáticas modernas. Uma citação interessante, na página 74:
Indicativo	Presente; Passado: imperfeito, Pretérito definitivo, pretérito anterior ou antecedente, mais que perfeito, pretérito indefinido, mais que perfeito relativo. Futuro: Indeterminado, determinado ou exterior, com-	“O verbo é uma palavra animada, e por isso os latinos lhe deram tal nome, como para indicar ser a palavra ( <i>verbum</i> ) por excelência”.

	posto por ter ou haver.	Já falava em radical + Vogal Temática + Desinência e oferece um quadro de terminações.
Condicional	Condicional ou expositivo, condicional pretérito	
Subjuntivo	Pretérito e Futuro, Perfeito e Imperfeito.	
Imperativo.	Futuro	

A obra de Solano Constâncio mostrou pontos de modernidade, em especial, em relação à definição de verbo. Enquanto a maioria de seus contemporâneos mantinha a definição advinda da tradição greco-latina, ele já atualizava a obra, aproximando tal definição na que será vista nos adeptos da corrente científica. Pontua-se o fato de que essa sua forma de pensar geraria entre ele e Soares Barbosa vários embates gramaticais<sup>52</sup>, como era costume entre os adeptos do naturalismo, visto que, para esses, debater, como nos ensinou Ventura (1987), refinava o intelecto.

### 5. *O Verbo em Sousa da Silveira*

Sousa da Silveira nasceu no final do século XIX, em 1883, no Rio de Janeiro e nessa mesma cidade veio a falecer em 1967. Foi importante filólogo e linguista brasileiro. Lecionou no Colégio (de) Pedro II, tendo sido, inclusive, nomeado para a Cadeira de Português da Escola Normal do Distrito Federal. Sua obra teve inúmeras edições e veio a formar grande parte dos cidadãos brasileiros nos últimos quartéis do século XX. Vamos ver como se apresenta a obra de um autor que se dedicou, em especial, à filologia:

Obra/Autor	Definição	Conjugações
Sousa da Silveira. <i>Lições de</i>	O acusativo regido por um verbo transitivo é o que se costuma denominar objeto direto, e, em regra geral, representa a pessoa ou coisa	Cita as 4 e diz que no Português restaram 3

<sup>52</sup> Para mais informações, consulte-se: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/106> e [http://www.filologia.org.br/xix\\_cnlf/cnlf/04/04.pdf](http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/04/04.pdf).

<p>Português (1940)</p>	<p>que recebe a ação expressa pelo verbo e praticada pelo sujeito, ou que é o produto daquela ação. Quando digo: “O vento levou a folha”, faço a respeito do vento uma declaração. O vento é o sujeito do verbo levou; e aquilo que se anuncia a respeito do sujeito, isto é, levou a folha é o predicado.</p> <p>Mas o verbo levou por si só não diz tudo: requer um complemento designativo da pessoa ou coisa, que foi levada, ou em quem logo se exercitou a ação atribuída ao vento: este complemento é o objeto direto a folha.</p> <p>Nestoutra frase: “O pedreiro construiu a parede”, o sujeito é o pedreiro; o predicado é construiu a parede, e consta do verbo construiu e do objeto direto. a parede, que representa porém, não uma coisa existente que recebesse a ação do verbo, mas a coisa que tomou ser desta ação, isto é, o produto, o resultado dela. (p. 45, 46) \</p>	<p>(-ar,-er,-i</p>
-------------------------	--	--------------------

Modo	Tempos	Curiosidades
<p>Não explícita, depreendem-se 6</p>	<p>presente do indicativo &lt;prés. do ind. latino.</p>	<p>- Não traz uma conceituação explícita de verbo. Essa deve ser depreendida.</p>
	<p>imperf. do indicativo &lt; imperf. do ind. latino.</p>	<p>- Traz uma importante declaração acerca do assunto: A etimologia dos verbos portugueses constitui matéria das mais complexas da nossa filologia, e daquelas em que, “por falta de documentação de formas que as línguas românicas denunciam e que, portanto, devem ter existido, mais abundam as hipóteses científicas ; além disso, não se lhe pode fazer um estudo satisfatório sem conhecimentos um pouco desenvolvidos de latim. Por isso procurarei ministrar apenas algumas noções gerais, mantendo ao livro o seu caráter elementar.</p>
	<p>perfeito do indicativo &lt; perf. do ind. latino (do qual existiam duas formas : simples e composta ; v. pág. 53).</p>	
	<p>mais-que-perf. do indicativo &lt;mais-que-perf. do ind. latino (do qual existiam duas formas : simples e composta ; v. pág. 53).</p>	
	<p>futuro do indicativo &lt; infinitivo latino + presente do ind. de hábere.</p>	

	<p>presente do subjuntivo &lt; presente do subj. latino.</p> <p>imperfeito do subjuntivo &lt; mais-que-perf eito do subj. latino.</p> <p>perfeito do subjuntivo (forma-se com o presen- te do subj. de ter ou ha- ver-\-o participio passa- do do verbo principal).</p> <p>mais-que-perf. do subj. (forma-se com o imper- feito do subj. de ter ou haver + o participio pas- sado do verbo principal).</p> <p>futuro do subjuntivo &lt; confusão do futuro ante- rior do indicativo latino com o perfeito do sub- juntivo latino.</p> <p>. condicional &lt; infinitivo latino + imperfeito do indicativo de habere.</p> <p>imperativo &lt; imperativo presente latino.</p> <p>infinitivo presente &lt;infinitivo presente latino.</p> <p>infinitivo perfeito (forma-se do infinitivo presente de ter ou haver + o participio pas- sado do verbo principal participio presente &lt; gerúndio ablativo latino. participio passado &lt; participio passado passi- vo latino. (150 a 160)</p>	<p>- Leciona tempos e modos de forma comparada ao Latim</p>
--	---	---

Antes de se dar início às considerações acerca do verbo, vale pon-  
tuar que a obra em questão é um misto de Gramática Histórica e Descri-

tiva. Nela, o autor apresenta a forma atual e estabelece um paralelo com a latina, como se pode ver do recorte a seguir:

Fig. 1: Lições de Português.

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

101

a) INDICATIVO

presente do indicativo port. < presente do indicativo latin.

TERMINAÇÕES:

	Português	Latim popular
I CONJUGAÇÃO	-o	-o
	-a	-a
	-amos	-amus
	-ades, -eis	-itis
II CONJUGAÇÃO	-em	-unt
	-o	-o
	-es	-es (s)
	-e	-et (t)
III CONJUGAÇÃO	-em	-imus
	-edes, -eis	-itis
	-em	-unt
IV CONJUGAÇÃO	-o	-o
	-es	-es

Nesse sentido, pode-se afirmar que o verbo, na obra, está totalmente assentado nos pressupostos latinos.

## 6. Considerações finais

Pelo exposto, podemos dizer que nossa hipótese restou confirmada: a obra de Solano Constâncio, embora produzida ainda quando imperavam os ditames das gramáticas de inspiração filosófica, é inovadora para o período, trazendo um olhar bastante diferenciado sobre o verbo, àquela época. Nesse sentido, chama-se atenção para a definição dada a essa classe: “verbo é a palavra com a qual exprimimos ação, ato ou estado, relativamente à pessoa ou pessoas ou coisas personalizadas, ao tempo e ao modo”.

Aponte-se, inclusive, que o autor critica a postura de Soares Barbosa, seu contemporâneo, que assim entendia o verbo, como muitos, como elemento de ligação entre o sujeito e seu atributo. Solano opõe-se a essa definição, esclarecendo que as funções dessa classe resultam de sua natureza e propriedade e não constituem a essência dele; por isso, continua, não deve servir de base essa definição. (p. 71)

Quanto à de Sousa da Silveira, embora tenha escrito sua obra já no caminhar do século XX, traz um olhar bastante voltado para a vertente da gramática chamada por muitos de tradicional, até porque se trata mesmo de uma obra que apresenta tanto tópicos de gramática normativa,

como quando ensina ‘Sintaxe especial das diversas espécies de palavras’, em particular do Artigo, em que determina: “Não se acompanham de artigos os vocativos e os nomes determinados pelos demonstrativos (...)” (p. 238), por exemplo; já quando leciona verbos, como mostrado neste trabalho, volta-se para a gramática latina, em praticamente todos os momentos.

Assim, podemos dizer que até meados do século XX rastros do passado podiam ser vistos naquele presente, até mesmo porque, o homem assim se constitui somente do hoje, contrário, vai atando seus laços com o passado para tecer seu presente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: UNICAMP, 1992.

\_\_\_\_\_. *Histoire des Idées Linguistiques*. Paris: Pierre Mardaga Editeur, 1989. (Tomo1)

BARDIN, Laucenre. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 1977.

BASTOS, Neusa Bastos; PALMA, Dieli. *História entrelaçada: a construção de gramáticas e o ensino de Língua Portuguesa do Século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BARBOSA, Jerônimo Soares. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. Lisboa: Tipografia da Academia de Ciências. 1875[1822].

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BUESCU, Maria Leonor C. *Historiografia da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984.

CARR, Eduard H. *Que é história ?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CAVALIERE, Ricardo. *Fonologia e Morfologia na gramática científica brasileira*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2014.

COLOMBAT, Bernard *et al.* *Uma História das ideias linguísticas*. São

Paulo: Contexto, 2017.

CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Gramática analítica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Laemmert e Cia., 1855[1831].

FÁVERO, Leonor Lopes. *As concepções linguísticas no século XVIII – A gramática portuguesa*. Campinas-SP: Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. Gramática é a Arte. In:\_\_\_\_\_. *História das ideias linguísticas: Construção do saber metalinguístico e da Constituição da Língua Nacional*, MT: Unemat, 2001.

\_\_\_\_\_; MOLINA, Márcia Antonia G. História das ideias linguísticas: origem, método e limitações. In: *Revista da Anpoll*, n. 16, p. 131-46, 2004.

\_\_\_\_\_. *As concepções linguísticas no século XIX: A gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

\_\_\_\_\_. *As concepções linguísticas no Brasil no século XIX e início do XX: Gramáticas da infância*. São Paulo: Terracota, 2019.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento linguístico: século XIX: tradição e modernidade?* [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2079-312X2013000100009](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2013000100009).

\_\_\_\_\_. O verbo na tradição gramatical brasileira. *Revista Confluência*, v. 7.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. *A palavra e as coisas: uma Arqueologia das Ciências*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MATTOS e SILVA, Rosa Maria. *Tradição gramatical e Gramática Tradicional*. São Paulo: Contexto, 1989.

NEVES, Maria Helena. *A vertente grega da Gramática Tradicional*. Brasília: Hucitec, 1987

ORLANDI, Eni. Pulcinelli; GUIMARÃES, Eduardo. Identidade linguística. In: *Língua e cidadania*. Campinas-SP: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. (Orgs). *Institucionalização dos estudos da linguagem: A disciplinarização das Ideias Linguísticas*. Campinas: Pontes, 2002

\_\_\_\_\_. *História da língua portuguesa do século XX*. São Paulo: Ática,

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

1988.

SOUSA DA SILVEIRA, Álvaro Ferdinando. *Lições de português*. São Paulo: Nacional, 1940.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: a natureza como pátria*. Campinas, 1987.

WHITNEY, Willian D. *Essentials of English Grammar*. Boston: Ginn and Company, Puplishers, 1899.

Outras fontes:

<https://www.academia.org.br/academicos/celso-ferreira-da-cunha/biografia>

Nomenclatura Gramatical Brasileira: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/notaveis/NGB.pdf>.